



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

1 de Agosto de 2009 • Ano LXVI • N.º 1706
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



BENGUELA

Padre Manuel António

Celebrámos a festa da Obra da Rua

O dia 16 de Julho foi mais um momento para a intimidade da família de dentro. A mesa da Eucaristia e do refeitório ocupou o centro da festa. Pai Américo esteve presente. A palavra que nos deixou, antes de partir: “Quando eu morrer é quando a Obra começa”, faz-se experiência bem sentida da sua presença. À semelhança do grão de trigo que, depois de cair no sulco e morrer, faz-se vida mais abundante. Quem dera assim seja!

O Domingo seguinte, dia 19 de Julho, foi o encontro festivo da família de dentro com a família de fora. Os rapazes a viver com a sua autonomia, fora da Casa do Gaiato que os criou, juntaram-se, em convívio fraterno, com os seus irmãos, para celebrar a festa de Pai Américo. A festa da Obra da Rua. O nosso Paulo, já a caminho dos 55 anos, em companhia de sua esposa, foi o digno representante dos veteranos. Quanto nos alegrou a sua presença! Levou-me em peregrinação do presente ao passado, encontrando-me com a multidão de filhos, a viver de cabeça bem erguida, na terra-mãe da sua vida. O Gabriel, muito digno representante das entidades empresariais desta zona, porque é empresário do sector da hotelaria, trouxe, mais uma vez, o seu carinho à Casa-Mãe que o criou. Não posso deixar de lembrar a presença do Sá Cruz, bem ao meu lado, que esteve presente no lançamento da primeira pedra da nossa Casa do Gaiato de Benguela, como menino do grupo que me acompanhou, desde Paço de Sousa. Agora, é o grande responsável pelo nosso sector agrícola. Pai Américo viu, com certeza à sua maneira, todos os filhos presentes e ausentes.

A Palavra do Evangelho do dia colocava Jesus, frente a frente, à multidão do povo simples que não O largava com as suas aflições.

Continua na página 4

PRÉMIO GULBENKIAN DA EDUCAÇÃO 2009

Padre João

No passado dia 20 de Julho de 2009 o anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian foi pequeno para receber gente ilustre da sociedade portuguesa representando os mais variados quadrantes da política, da economia e das artes. Tratava-se da cerimónia de entrega do Prémio Internacional Calouste Gulbenkian e dos Prémios Gulbenkian — Arte, Beneficência, Ciência e Educação. A Cerimónia foi presidida pelo Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Várias Instituições foram galardoadas. A Obra da Rua ou Obra do Padre Américo e a Fundação para o Desenvolvimento Comunitário de Alverca ganharam, ex aequo, o Prémio Gulbenkian Educação 2009. As distinções foram entregues durante a cerimónia juntamente com um Prémio de 50 mil euros repartido. O Júri previamente constituído, debruçou-se sobre a longa história e experiência do projecto educativo do Padre Américo posto em prática nas Casas do Gaiato, não tendo dificuldade em eleger a Obra da Rua como merecedora do Prémio Educação. Trata-se de um Projecto Educativo consolidado, com resultados cientificamente comprovados em abundantes estudos de alto nível académico, na recuperação de crianças desprovidas de meio familiar normal e de jovens em risco.

Na recepção do referido galardão estivemos nós, dois representantes dos Conselhos Pedagógicos e um representante das Associações dos Antigos Gaiatos. Na altura própria agradecemos ao Magnífico Júri, recebendo das mãos do Presidente da Fundação o respectivo galardão que dedicamos ao Pai Américo, em primeiro lugar, citando dois textos da Conferência Episcopal Portuguesa por ocasião do centenário do seu nascimento e do quinquentenário da sua morte: “O Padre Amé-

rico, pelo que foi, pelo que fez, e pela Obra que realizou e que perdura em favor dos mais desprotegidos da nossa sociedade, foi um homem que deixou mais rico Portugal.” “A Obra da Rua é uma jóia da Igreja em Portugal...” O referido Prémio foi também dedicado à família das Casas do Gaiato que ao longo dos tempos têm sido uma mais-valia de cidadania na sociedade portuguesa e pelo mundo além. O Prémio foi, finalmente, dedicado à multidão anónima de amigos e admiradores que continuam a ser o suporte da Obra da Rua no tempo e no espaço.

Um Prémio justo que, citando Manuel António, um antigo gaiato de Paço de Sousa, assim o considerou com o seu próprio testemunho pessoal: “Vale mais tarde que nunca! Como antigo gaiato (e sempre gaiato, digo eu, apesar dos quase 60 anos, pois não seria o cidadão inquieto e socialmente integrado que hoje sou — quadro superior de reconhecido mérito na EDP até ter optado em Março último passar à situação de pré-reforma —, se não tivesse sido educado na Casa do Gaiato, ainda hoje a minha família de referência, se tivesse continuado um pequeno vadio das ruas do meu Porto, cidade que trago na memória apesar da vida me ter empurrado para Lisboa), rejubilo e fico feliz com este prémio Gulbenkian Educação, que embora tardiamente, reconhece o trabalho da Obra da Rua em prol das crianças mais carenciadas e da actualidade da pedagogia pró-activa do nosso Pai Américo que faz do Rapaz o próprio sujeito da sua educação. Lamento apenas que a comunicação social, tão célere em noticiar de forma sensacionalista pseudo-erros ocorridos na Casa do Gaiato, seja tão envergonhada e discreta em noticiar a atribuição deste prémio Gulbenkian da Educação!” □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

ONDE se encontra a maior beleza é no homem frágil. Na idade infantil, na velhice ou em qualquer idade na doença. O homem frágil é o mais próximo da verdade que o constitui.

Não deixa de ser sintomático para a sociedade dos homens, a rejeição que faz às situações referidas. Essa fuga é o sinal mais claro do seu desinteresse e de não querer ver aquilo que é.

Se por um lado parece querer proteger quem passa por estas três fases da vida, por outro procura esconder as dificuldades que as caracterizam na proporção dos ganhos que com elas possa obter.

A fragilidade em que se desenrola a vida do homem, independentemente dos tempos e dos meios que cada época possui, é o sinal da perpetuidade das carências a que o homem está sujeito na sua existência — a sua pobreza. Por isso, «os Pobres sempre os tereis convosco. E, quando quiserdes, podereis fazer-lhes o bem».

Fazer o bem é o acto que mais engrandece o homem, porque partilha riqueza e faz fraternidade. Mais, fazendo o bem, supera as próprias limitações e se faz mais homem e, por conseguinte, mais semelhante a Deus. A grandeza do homem não está em fazer coisas, ainda que filantrópicas, mas em fazer o bem.

Toda a beleza está, pois, aqui: não em vencer a fragilidade, que é invencível, mas em elevá-la à dignidade de se saber amado.

A criança não deixa de ser criança, o velho não deixa de o ser, o homem doente não acaba com o bem que se lhe faz, mas com ele adquirem a esperança de alcançarem o bem maior, de que o bem transitório é sinal.

Só se descobre esta beleza, amando. O homem interesseiro e oportunista não o descobre, e tudo isto o aborrece.

Embora amando fragilmente, pois também é frágil quem ama, traça-se deste modo o caminho do homem até que nada mais exista senão aquilo que no seu percurso ele persegue. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A NOSSA E AS OUTRAS CONFERÊNCIAS — No passado dia 9 de Julho foi a vez da nossa Conferência acolher a reunião mensal do Conselho de Zona do Vale do Sousa Sul do chamado ramo masculino das Conferências de S. Vicente de Paulo. Na orgânica da Sociedade de S. Vicente de Paulo, os Conselhos de Zona são as estruturas que coordenam as conferências vicentinas que existem numa determinada zona quando o respectivo número o justifica.

A reunião do princípio de Julho foi uma reunião sem factos de maior, ou fora do normal. A razão para aqui darmos conta dela é para a aproveitar como pretexto para aqui prestarmos uma homenagem aos nossos colegas dessas conferências que materialmente com tão pouco, fazem muito. Sem com isto menosprezar a dedicação de todos os outros vicentinos, queríamos aqui fazer uma menção especial aos Presidente e Vice-Presidente da Mesa do nosso Conselho de Zona, os Srs. Agostinho Fernando Rodrigues e Fernando Silva Melo. O entusiasmo genuíno com que vivem as suas condições de vicentinos e as funções de direcção deste Conselho de Zona são um exemplo a seguir, que tem animado os restantes vicentinos desta zona. Com pessoas com a garra destas em muitas conferências e na direcção dos Conselhos de Zona e dos Conselhos Centrais, as conferências vicentinas desta diocese, ao longo das últimas décadas, têm vindo a crescer em número e em actividades, das quais o projecto da Casa Ozanam, em S. João de Ver, é uma das expressões mais visíveis. A entrar agora na sua 2.ª fase, materializada na construção do Lar/Residência Frederico Ozanam, com capacidade para 40 idosos pobres, também esta é uma obra que, sem prejuízo dos variados contributos de muitos, deve grande parte da sua existência a dois Vicentinos de excepção. Trata-se dos Srs. Manuel Carvas Guedes e Luís Roque que, com um enorme empenho e um entusiasmo contagiante, têm conduzido os destinos das Conferências Vicentinas ditas do ramo masculino desta diocese ao longo das últimas décadas.

Finalmente mais uma nota ainda sobre a vida organizativa das nossas conferências, partindo do nível da diocese e regressando à nossa paróquia. Neste que é o ano da comemoração dos 150 anos da Sociedade de S. Vicente de Paulo em Portugal, está em curso o processo de fusão dos ramos ditos feminino e masculino das conferências vicentinas na nossa diocese, a única do país onde essa diferenciação ainda permanece. No caso da nossa paróquia onde existem duas conferências afiliadas nesses dois ramos, este processo irá naturalmente desembocar na sua fusão. É um processo que se fará, certamente, de uma forma pacífica e quase sem se dar por ela, dada a cooperação muito estreita que sempre tem existido entre as duas conferências. Também, na Conferência Feminina, temos a felicidade de contar com pessoas que vivem, com entusiasmo, a sua condição de Vicentinas, felicidade essa acrescida pelo facto de quem as dirige juntar muita juventude a esse entusiasmo. Do que vier a acontecer neste domínio dar-vos-emos notícia em devido tempo.

P.S.: Já há algum tempo que não tem surgido nesta crónica a rubrica da "Partilha". Temos guardadas as vossas amáveis cartas e o que nos vai chegando de registo dos vossos donativos. Provavelmente, na próxima vez daremos notícia disso.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

PAÇO DE SOUSA

Hugo André

OBRAS — Estão concluídas as obras da Casa-Mãe, em breve poderemos usufruir da beleza em que ficou depois da sua restauração.

16 DE JULHO — Celebrou-se, como é hábito em nossa Casa, o dia da partida de Pai Américo para o Céu. Às 10h30 houve missa celebrada pelo nosso Padre João; depois seguimos para a praia de Azurara, onde almoçámos — almoço confeccionado pela nossa cozinheira D. Fátima e pela senhora D. Joaquina. Obrigado às duas! A tarde foi aproveitada para dar uns pontapés na bola, na praia. Regressámos por volta das 20h00. Correu tudo pelo melhor, foi um dia bem passado.

ANTIGOS GAIATOS — Realizou-se o encontro anual dos antigos gaiatos, este ano presidido pelo Miguel e com a ajuda do Maurício. É sempre bom recordar velhos amigos com quem aprendemos alguma coisa, este ano estiveram o Turbinas (grande abraço) e o Toni, dois antigos que há muito tempo não visitavam a nossa Casa. Como habitual, às 11h30 houve Missa, presidida pelo nosso Padre João; por volta da 13h00 começou o almoço muito bem confeccionado pela dupla Adriano e Flora; às 15h00 houve o "clássico" jogo de futebol entre os actuais e os antigos gaiatos.

Os actuais gaiatos venceram por 4-2; o jogo correu bem com uma arbitragem fraca onde não escaparam as habituais escaramuças típicas e normais num jogo como este; o que nasce no campo morre no campo e foi isso que aconteceu.

Depois do jogo, houve provas de natação na nossa piscina, a seguir houve uma peça de teatro, ensaiada pela professora Benvida e, para culminar um dia em grande, houve a merenda ajantarada.

Desde já agradecemos às pessoas envolvidas na organização, directa ou indirectamente; um grande abraço e continuem a não nos criticar, mas sim a ajudar-nos a sermos melhores. Um bem-haja a todos.

FÉRIAS — O primeiro turno já foi de férias; desta vez foram os mais pequenos, o turno terá a duração de três semanas; é chefiado pelo Nuno Almeida. Esperamos tudo corra bem, que aproveitem estas férias para descarregar a adrenalina do tempo escolar. (Este ano o lectivo correu bem à maioria dos Rapazes, esperamos que continuem assim).

PADRE JÚLIO — Regressou a Paço de Sousa para substituir o nosso Padre João que se irá ausentar durante um mês, para descanso. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — Com o Verão em pleno e muito calor, chegou o tempo de apanhar as batatas. A vontade dos Rapazes em irem para o campo não é muita... Concluído o corte da rama das batateiras, deu-se início à tarefa de tirar do solo os tubérculos, na *terra dos grilos*, junto ao ribeiro. Com a ajuda da alfaia própria, adaptada ao tractor, começaram-se a extrair da terra as batatas, que nasceram. A colheita parece razoável.

Os campos de milho têm sido regados e as plantas cresceram muito. Precisamos de grão para moer. Os feijoeiros, da horta, já têm feijão verde, que se tem apanhado para as refeições. As regas vão ajudando ao seu crescimento. A fruta dos pessegueiros e ameixoeiras é muita e pequena, pelo que tem caído.

No nosso rebanho de ovinos, houve uma baixa de uma ovelha.

ESCOLAS — Terminadas as aulas e depois de saírem as avaliações

(com resultados muito positivos) dos Rapazes que estudam em Miranda do Corvo e Coimbra, fizeram-se as matrículas. Continuam, num Jardim de Infância da vila, alguns «Batatinhas»: Divino, N'Goteló Rocha e Victório. Na nossa Escola do 1.º Ciclo, estão inscritos: Amadú, Aiyune Francisco, Arménio, Betinho, Diogo Miguel, Fábio Fernandes, Igor, João Miguel, Luís Miguel e Paulo Cabissandin. Vão frequentar a Escola EB 2,3 de Miranda do Corvo os seguintes Rapazes: Daniel Luís, Diogo Manuel e Joaquim (5.º ano); Feliciano (6.º ano); Arlindo, Bacar e Madi (7.º ano); Belizário (8.º ano). O Natanael vai continuar na Escola EB 2,3 Martim de Freitas (7.º ano).

16 DE JULHO — Foi há 53 anos que o nosso querido Pai Américo teve um acidente de automóvel, em S. Martinho do Campo (Valongo), do qual veio a falecer, no Hospital de Santo António (Porto), a 16 de Julho de 1956, dia de Nossa Senhora do

Carmo. Nunca o podemos esquecer! Por isso, aproveitámos para celebrar o Sacramento da Reconciliação, às 18.00h, com os Amigos Padre António Antunes e Padre Rolando. Pelas 19.00h, celebrámos a Eucaristia, também na nossa Capela, presidida pelo nosso Padre Manuel, que nos falou da sua vida antes e depois de ser ordenado Padre.

FÉRIAS NA PRAIA DE MIRA — A 17 de Julho, sexta-feira, tiveram início as férias do primeiro turno, na Praia de Mira, ficando instalados na nossa Casa, na Rua do Gaiato. Foram 22 Rapazes, em especial os da Casa Mãe e alguns do 1.º andar, orientados pela Sr.ª D. Nazaré, com a ajuda da Sr.ª Mabilia e alguns chefes. Vários «Batatinhas» nunca tinham visto o mar... E foi uma grande alegria! □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 48.600 exemplares

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

DIA DE PAI AMÉRICO — Que melhor homenagem poderíamos fazer a Pai Américo, que a reunião dos seus filhos para comemorar o dia em que nasceu para o Céu? Assim foi o Domingo, 19 de Julho de 2009, o encontro/convívio dos antigos gaiatos e suas famílias, mas estendido a todos os que se sentem ligados a nós de alma e coração que vieram de norte a sul do país e nos honraram com a sua presença em Paço de Sousa, para viverem um dia intenso de emoções e vivências que avivam o sentimento único de pertença a esta grande família gaiata e que desta forma singela dão o seu testemunho que a Obra da Rua cumpriu e cumpre o objectivo final do Pai Américo-fazer de cada rapaz um Homem.

O dia ficou associado à inauguração da remodelada e mais funcional "Casa-Mãe", pois bonita sempre o foi. Houve também muita animação e algumas iniciativas para abrilhantar o dia, nomeadamente a exposição sobre a vida, obra e pedagogia do Pai Américo no refeitório, uma tómbola e uma exposição de pintura dos alunos da escola da Associação. De referir o jogo de futebol com os mais novos que este ano tiveram de correr mais para levar de vencida a equipa veterana, pois na 2ª parte, as "barriguinhas" faziam-se notar pela dimensão e pelo peso. Para rematar o programa desportivo, uma prova de natação por estafetas, como pretexto para dar um mergulho e refrescar da tarde quente.

Do programa delineado, também de louvar a contribuição dos mais novos para a festa que também é deles e para eles com uma peça de teatro e uma exposição de trabalhos manuais com várias técnicas gráficas no âmbito do Projecto "gaiato-escolhe" coordenado com carinho pelo Prof. Rui e sua equipa.

Assim foi o nosso dia, simples, mas que nos leva a reflexões profundas sobre a dimensão da Obra da Rua no seu todo, concretizada por um homem pacífico e revolucionário no seu tempo que trouxe o desassossego aos corações do povo português e

que este correspondeu consagrando-o como santo. Mais que tudo, foi a vida de milhares e milhares de gaiatos a quem mudou a vida tocando as nossas almas para sempre. Saibamos honrar o legado de Pai Américo, dando o nosso contributo a todos os que têm agora a dura responsabilidade de manter viva a pedagogia e o modelo de educação com provas dadas ao longo de 70 anos, e que alguns, poucos felizmente, não compreendem, porque como diz o actual director da Obra da Rua, Padre João Rosa, apenas nos vêm "espreitar" e não vêm com olhos de ver que somos uma família como as outras, apenas mais numerosa.

Não queria terminar esta crónica, sem deixar de agradecer à organização do encontro, embora tenha sido a Associação a dar o nome, foi a generosidade de muitos voluntários, alguns anónimos, que com o seu esforço pessoal e material, levou a que tudo corresse dentro da normalidade e pudéssemos corresponder às expectativas das cerca 500 pessoas presentes no almoço e merenda ajantarada, mas somos ambiciosos e prometemos para o ano, com a ajuda de todos, uma melhor afinação, pois nunca é demais relembrar as devidas confirmações das presenças que este ano não ultrapassaram a centena. Um bem-haja a todos e em especial ao Director da Obra da Rua pelo apoio incondicional, pela sua presença em todos os momentos e acima de tudo pelos bons conselhos para que tudo fosse do agrado de todos.

PRÉMIO GULBENKIAN EDUCAÇÃO — Mais um dia grande para a Obra da Rua. Depois da festa da família de dentro no dia de Pai Américo, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, foi a vez da família de fora, também se associar, premiando a pedagogia que o espírito visionário de Pai Américo implementou nas Casas do Gaiato. Se para os nossos amigos e admiradores do pensamento de Pai Américo, este prémio não é surpresa, já para aqueles que ultimamente nos questionam, deverá ser motivo de re-

flexão, o significado que um júri de altas personalidades ligadas à temática da Educação dos jovens, nos quis atribuir. Se precisássemos de um testemunho, ou como se diz agora, de um certificado de conformidade da qualidade e da excelência do modelo educativo do Pai Américo, ele aí está! E com 70 anos de atraso!!! O nosso obrigado, em nome de todos os gaiatos, à Fundação Gulbenkian.

ASSEMBLEIA-GERAL — Decorreu pelas 09h00, do dia 19 de Julho, no salão de festas da Casa do Gaiato, a reunião magna dos associados. Estiveram presentes cerca de 30 associados a quem pela 1ª vez e de forma circunstanciada, foi explicada a orgânica, os objectivos e os projectos imediatos e futuros, assim como se prestou contas da actividade corrente e foram votados os vários documentos obrigatórios constantes dos estatutos, nomeadamente, o plano de actividades, o balanço e o orçamento para o ano seguinte.

Foram efectuados alguns esclarecimentos do "modus operandi" da associação. Também foram apresentadas várias sugestões, nomeadamente a criação de núcleos da associação em localidades onde hajam muitos gaiatos, como é o caso do Porto. Foi também sugerida a criação de uma Associação de antigos gaiatos a nível nacional que congregasse as várias associações já existentes, para haver uma voz única que representasse todos os gaiatos. Estas e outras propostas foram tidas em conta pela direcção que em devido tempo lhes dará o impulso necessário para a sua concretização.

A assembleia terminou assim com o agrado dos associados, que suberam reconhecer o esforço e a dedicação que os representantes dos órgãos sociais emprestam à associação, muitas vezes à custa do sacrifício da suas vidas pessoais e familiares, o que nos sensibilizou a todos e nos anima a continuar. □



MALANJE

Padre Rafael

Regresso a Casa

POR fim o regresso do pai pródigo. E assim como nas melhores parábolas do Evangelho, nesta foram as crianças que correram para receber o pai que chegava num todo-terreno. Todos eles eram gritos de alegria, abraços e beijos. A festa estava pronta, mas desta vez não foi o cordeiro cevado, mas a vaca. No fim do jantar, algumas palavras escritas por eles:

«Bem-vindo pai Rafael, porque tu és o nosso refúgio e nós refugiamo-nos em ti. Tu és o nosso pai, és vida e dás a vida por nós. É por isso que a nossa felicidade está em crescer com a tua presença. Sê bem-vindo pai Rafael e que Deus, nosso Pai, te tenha a seu lado...»

E para finalizar, cantaram e dançaram até à hora de apagar o gerador.

Estamos, agora, no primeiro dia e os «Batatinhas» olham-nos com um sorriso em seu rosto. Todos sabem que não nos faltam problemas, mas é bom desfrutar o facto de estarmos todos em Casa. Até Castemtem, que regressou da Alemanha e cresceu e sabe mais alemão do que ninguém.

Após saudar todos os trabalhadores, termina o dia com uma conversa com o chefe Fredy, para partilhar impressões destes dois meses que passaram.

A aposta no desporto faz-se notar e temos de «contratar os serviços» dum treinador que dinamize a prática desportiva. Assim como em outros tempos tentámos que a prática do desporto os afastasse do álcool que apela à nossa porta, quase todos os dias. Hoje jogam os juniores com um grupo de meninas, muitas delas já mães. Tiveram que se contentar com um empate.

Termina a semana. O Uri e a Bet, por Luanda com os estudantes. Bartolo e a Montse, com alguns campeões, e o Edu a superar a ressaca destes dois meses pelo GAIATO pendentes.

Todos nós vamos dormir porque aqui só o respirar nos desgasta e nós alegramo-nos porque é por eles. □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Dar tempo ao tempo

NESTE intervalo de férias escolares, os mais pequeninos foram para casa de algumas das suas monitoras, outros maiorzitos para as de professores, ou professoras. Claro que são pessoas de nossa inteira confiança e não precisamos de fazer recomendações especiais, porque de parte a parte há um bom relacionamento. Gosto muito desta amizade, sugerida, aceite e alimentada com muita simpatia, por aqueles que os recebem. É uma experiência que os enriquece, partilhar o dia a dia no seio de uma família de dimensões normais. O relacionamento de pais com filhos e vice-versa, cria uma proximidade mais real e oportunamente nova para os nossos, enquanto que filhos abandonados, vítimas de maus tratos dos pais ou então de famílias desfeitas pela doença, sendo eles, crianças, a assisti-los, por vezes, até à morte.

Mas pode dizer-se que é na Casa do Gaiato que fazem a sua primeira aprendizagem de filhos. O carinho com que são recebidos, não só por nós que fazemos a imagem do pai, da mãe, de tios e tias, como dos manos mais velhos a quem os mais pequeninos são particularmente recomendados, faz-lhes um enquadramento ideal, mas substituto. Tenho frequentemente de lhes explicar, com extremo cuidado, o significado da palavra pai, com medo da experiência que eles têm daquele que conheceram e a quem ouviram chamar esse nome. Serve-me a feliz experiência pessoal de pais íntegros, verdadeiramente sacrificados pelos filhos, éramos sete, e dos valores que nos inculcaram e perduram. Serve-me o apoio do Antigo Testamento em que Deus usa a imagem do Pastor e até da mãe do seu povo, ou do Evangelho em que Jesus de muitos modos e com tantas imagens faz aos seus discípulos a revelação do Pai.

Para alguns, a ideia consciente do pai é terrivelmente destruidora de todos os bons sentimentos e marca de traumatismos, tanto físicos como morais. Ficamos chocados com diagnósticos inacreditáveis de psicólogos, que sendo da mesma raça e por isso mais dentro da ambientação adequada, nos assustam. Contamos agora com o apoio de uma Senhora psicóloga, espanhola, muito marcada pelo sofrimento da vida que é a melhor escola. Confiamos também mais na capacidade da alma se regenerar, com a ajuda de Deus, que muito cuidamos saibam procurar.

Na adolescência, se não já antes, em muitos deles se manifestam variados desvios de comportamento, dificuldades de atenção nas aulas e normalmente quando se fala com eles. Cuidado em acrescentar mais um recado, ou um pormenor, ao já dito. Não valeu a pena. Depois a insegurança. Por mais que se confie e se procure educar para a responsabilidade, esta demora a despontar. É preciso mesmo dar tempo ao tempo. A paciência é o maior exercício que, como uma devoção de fé, fazemos no dia a dia. □

MOMENTOS

Padre Acílio

HÁ vários anos que não aparece esta rubrica n'O GAIATO. O meu regresso à Casa de Setúbal, veio dar-me a oportunidade de a trazer à contemplação dos nossos leitores.

A apanha da batata é uma tarefa dura por causa do pó e do calor, mas gratificante como todas as colheitas.

Porque este ano foi abundante, ainda mais agradável, apesar de sacrificada. Quando cheguei, a mesma estava a meio. Em duas manhãs arrecadámos cerca de 11 toneladas ou mais.

É simples o processo da recolha.

À frente vai uma máquina atrelada a um tractor que lhe transmite energia através duma tomada de força e dois rapazes, a retirar as ervas e as palhas arrancadas e caídas, em cima dos tubérculos.

A seguir, vão quatro ou cinco conjuntos de dois rapazes, com uma caixa de plástico cada grupo, a apanhar à mão as batatas boas, médias e grandes. De seguida, atrás destes, vem um par a colher as feridas, as queimadas pelo sol e as esfoladas, as quais, depois de armazenadas, serão as primeiras a serem consumidas. Depois, vêm mais dois grupos a apanhar as pequenas. Um, as boas para a semente, outro, as restantes para o gado.

É uma multidão de gente!... e, com rapazes há sempre oportunidade para alguma brincadeira. No primeiro dia tudo correu bem, mas na segunda manhã, lá para as 11h30, ouço, atrás de mim, um palavrão.

Surpresa!... Pois ainda os meus ouvidos estavam virgens de tais sons nestas temporadas!

Tinha sido o Amarante. — Vai para cima, que não te quero aqui connosco! Quem assim fala não merece a nossa companhia — disse em tom de comando.

O rapaz ainda refilou, mas não lhe dei atenção. Humildemente, acatou a ordem e, encontrei-o depois, a servir na cozinha.

Após o almoço, no refeitório, quis saber o que havia provocado tão grave e revoltada palavra.

Tinha sido o Patrício que atirara uma batata ao Santiago; e as culpas para cima do Amarante. Santiago, ferido no seu brio, não se ficou e arremessou outra ao Amarante. Este, inocente, repeliu a ofensa com outra batatada. Santiago, tornou e acertou em cheio no Amarante. — Quem começou a briga? — perguntei no silêncio, entretanto gerado.

O Patrício levantou-se na sua alta estatura e cor negra, diante de todos, confessou: — Fui eu que atirei a primeira batata ao Santiago.

— Nobreza! — Arrematei-lhe. — É assim que se mostra quem possui uma consciência delicada e um carácter nobre.

Depois de pedir ao Amarante, também ele muito alto e negro, com 15 anos, que não voltasse a falar assim, ficámos todos consolados com a dignidade do Patrício! □

SETÚBAL

Danilo Rodrigues

TRABALHO — Já com o grupo dos pequenos na Arrábida, os mais velhos na idade dos 16 anos começaram a época de trabalho na Quinta. Com um grupo na praia, então o outro precisa de manter a nossa Casa em constante funcionamento para assegurar a nossa cultura, a cultivação, as refeições, os quartos e a Eucaristia. Sempre com o sol raiado no centro do céu, sem camisa ou com ela, os nossos rapazes caminham de enxada ao ombro, com os olhos no campo dizendo: “Bem, é mais um dia de trabalho, né?” E às vezes vão de cabeça baixa, pontapeando as pedras que encontram no caminho, vão revoltados, mas no final aparece tudo feito porque eles aceitam o desafio e apercebem-se que é assim, que não há volta a dar.

Ora, há pouco tempo, alguns dos nossos rapazes, excluindo os serralheiros e carpinteiros, que se encontram nas nossas oficinas, começaram um trabalho extensivo onde se dedicam aos nossos pomares. Uns podam as laranjeiras, outros tratam das caldeiras e outros da rega.

Tem sido um trabalho que requer carinho pois cada tronco seco da copa da árvore simboliza uma ferida no ser humano, por isso há que ter cuidado.

Até agora, este trabalho tem sido o único “hobby”, desde que terminou a apanha da batata e da palha.

FUTEBOL — Hoje também gostava de abordar um tema que, consequentemente, se tem vindo a falar em abundância nas páginas do nosso jornal. Quando quero falar em futebol, não pretendo mostrar a competição que este desporto trás, mas sim o prazer que muitos dos nossos rapazes transportam dentro de si. Foi há cerca de 4 anos, em 2005, creio eu, quando o nosso Cláudio Dias se estreou a jogar futebol num jogo oficial pela Casa do Gaiato de Setúbal. Antes desse jogo, ele viuha a demonstrar um esforço enorme nos treinos, que eram só ao Sábado. Era ainda assim pequenino, de 1,60 metros, mas com uma vontade de 3 metros! Incrível a maneira como chutava a bola, como a tocava e como corria! Mas pronto, aquele esforço todo nem se tocava na habilidade e na eficácia do nosso onze titular, nem dos suplentes, por isso tinha de esperar. Falo do Cláudio assim deste jeito porque hoje, na nossa Casa, é um exemplo de jogador como nunca vi. O Cláudio estreou-se com uma camisola cujo número era muito mesquinha, mas ele falava sempre no símbolo que transportava na frente da camisa e não no que estava atrás. Provavelmente, ele é um dos poucos rapazes, cá em Casa, que joga como se fosse a profissão, porque os outros pretendem divertir-se. Mas independentemente de tudo isso, eu digo-vos leitores, este rapaz

tem perícia, tem um jeito como nunca se vê no dia a dia, tem velocidade, resistência e, acima de tudo, é inteligente na forma como enfrenta os adversários. Hoje, o Cláudio é titular indiscutível, carrega nos ombros a tarefa de conduzir a equipa.

Claro que conta com o apoio de outros elementos, mas o jogo passa sempre por si. O Cláudio é sub-capitão, só perdendo o cargo principal, para um dos mais velhos da equipa. Tem 16 anos, cerca de 1,70 metros, ponta de lança, número 9 e é, para mim, o melhor jogador da nossa Casa.

O futebol é o desporto rei nas Casas do Gaiato, devemo-lo encarar como um convívio porque, afinal de contas não pretendemos mostrar rivalidades nem pretextos para confusões, logo não jogamos por nada sério. O nosso futebol cá na Casa do Gaiato de Setúbal remete-se a uma dúzia de jogos no pavilhão, até aos 3 golos, e a 90 minutos no campo, ao Domingo contra antigos gaiatos que às vezes nos vêm visitar. O Cláudio não se inerva por um erro do árbitro, se comete falta, redime-se logo, joga calmo, mas com serenidade. Por isso digo que é um exemplo, pois não transporta dentro de si um espírito de competidor, mas sim de um rapaz franzino que apenas só quer marcar muitos golos a quem se atrever a desafiá-lo a sua tropa. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Fisgas

ELAS, de novo, e elas a esticarem-se!... De facto, enquanto nos desfazíamos de vários papéis, rasgados, o cesto, empalhado, a romper-se, não deixou escapar três fisgas.

Foram desviadas a alguns garotos, atalhando as consequências nefastas para os vidros, as aves e até os companheiros. Muitos de nós, quando os brinquedos e os jogos eram da nossa conta, também as fizeram. Como estas pequenas varas, bifurcadas, com dois elásticos, são usadas para atirar pedritas, não deviam continuar nas mãos deles, para desgosto dos aprendizes de *atiradores*. Por curiosidade e para dialogarmos com os *guerreiros*, não as destruimos logo no acto da apreensão.

As fisgas não estavam sós, mas acompanhadas por material moderno, como várias *pistolas*, de plástico, que incautos misturaram em quinilhariças de seus filhos e despejaram. O *arsenal* ainda não tinha chegado ao cabo; pois, assim que retirávamos mais papelada do caixote, uma *espada*, sonora, dava sinal, com a ponta das lâminas separada do punho e guardas.

De vez em quando, nas horas de lazer, como os espaços da quinta são amplos, nas suas brincadeiras, alguns Rapazes escondem-se nos recantos e no arvoredado. E escutámos, há dias, *combates* entre alguma garotada; desta feita, desarmados, atiravam *tiros* com as mãos e havia ruídos produzidos pelos próprios, bem audíveis: *pum, pum...* Numa intervenção urgente, foi travado o avanço do Cabissandim, irado, aos gritos, com uma pedra, pontiaguda, no encaço do Grazina...

As tílias foram sacrificadas, nestas *lutas*, pois alguns trepadores, mais ligeiros, acoitaram-se nelas e partiram ramos, nas suas aventuras. Alguns não foram sensíveis à proliferação de flores, bem perfumadas, que as abelhas não largavam, incessantemente. Com garrafas vazias, destinadas a armazenar água da nossa fonte para os serviços nos campos, aprisionaram-nas, sem receios, até que lhes transmitimos a sua importância fulcral na polinização e na preparação da substância açucarada, preciosa, com o suco das flores.

Outra variante, recente, na expressão da agressividade, tem-se verificado, até no átrio da Casa, em encenações de luta livre, o tal *wrestling*, de gosto duvidoso, divulgada na televisão e que prende mais os adolescentes.

Ao aproximarmos-nos de alguns cenários destes, fomos revendo os filmes interiores de vários filhos, que vieram de longe e em frangalhos, de laços e saúde, para esta Família, em Miranda do Corvo, no vale rigoroso do rio Dueça, com os cumes da Lousã por barreira eólica. Na verdade, chegaram aos nossos braços alguns pequenos oriundos da costa ocidental de África, nomeadamente da Guiné-Bissau, cujo povo, afinal, ainda não se *libertou*, desde que, em 1963, deflagrou o conflito armado, a sul da capital.

Por outro lado, a produção em massa de audiovisuais, agressivos, feitos para seduzir os mais novos, deformam as mentalidades, pelo seu conteúdo e o seu acesso é banalizado, desde a infância.

Dolorosamente, todos os dias e em muitos focos de tensão, pelo mundo, continua a ser derramado

imenso sangue, humano, como o brado de Abel, morto por Caim, devido ao ódio, à violência, à injustiça, ao terrorismo, às guerras. A vida humana é sagrada. O rosto de toda a pessoa é uma *prova* da existência divina.

O sangue de Cristo, na Cruz, é a explicação maior da vitória sobre o *mistério da iniquidade*, enchendo o vazio do mal com sentido redentor. O próximo, desfigurado, confrontamos com o Abandonado, desarmado de exércitos, mas pleno de compaixão e perdão.

Deste nosso tempo e num mundo globalizado, chegam até nós, também outros clamores, como da América Latina: são os meninos de rua, no Brasil; os pequenos abandonados, na Bolívia e no Peru; e as crianças-soldado, na Colômbia, que ascendem a 15.000. É uma calamidade quotidiana, cujos gritos interpelam e são desafios, prioritários, para o acolhimento cristão, eclesial, que se encontra na primeira linha das respostas emergentes, porque *“o Amor cobre a multidão dos pecados”* (1 Pe 4,8).

O resto, com quem vamos partilhando o pão e o sonho, nesta altura, procurou uma Família, que há-de construir corações pacíficos, se os ajudarmos a desarmar das ilusões agressivas.

Junto ao mar, *“ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles”* (Mc 6,34). Neste momento, mais de uma vintena de pequenos, com bafo e cuidados maternos, molham os pezitos, a maioria negritos, nas águas límpidas da Praia de Mira e serenam os seus olhares, no horizonte vasto do oceano, que trouxe vários. Em vez das fisgas e pedras, querem esvaziá-lo para as pocinhas na areia... Não os deixemos mergulhar, ao acaso, no absurdo; mas, nas suas consciências e no Infinito feito Homem, que venceu a dor, desde Criança. □

A Escola

... é gémea das Casas do Gaiato. Nascida a Obra, «pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes», também as instalações escolares de cada Casa foram, no princípio, modestíssimas como podia ser; mas foram. Em Miranda do Corvo é mesmo um Professor Primário o primeiro braço-direito de Pai Américo. E não só para ensinar a ler, escrever e contar, mas para abrir à vida aqueles que, vindos do caos da rua, encontravam à sua espera a Natureza ordenada para a recriação de quanto Deus fez e «viu que era bom»: campos, matas, animais, trabalhos domésticos, cuidados de cada um pelos outros... — tudo era Escola. E foi; foi um importante apoio.

Sintomático que, ao ditar ao Arquitecto Teixeira Lopes o programa da Aldeia de Paço de Sousa, Pai Américo lhe pediu a Capela «no centro»; de cada lado dela a Escola e a Cozinha-Refeitório — tudo lugares do *pão*: para a alma, para o espírito e para o corpo — o *pão* indispensável ao equilíbrio do homem que se vai fazendo.

Com o tempo se levantaram em todas as Casas do Gaiato prédios bonitos, funcionais, dignos da Escola. Fora das nossas portas também se construíram muitos e belos conjuntos escolares. Dói ver tantos vazios, embora aqui estejam na base problemas demográficos ainda mais graves, que também afectam a Escola. Mas Ela não vale essencialmente pelo edificado, sim pela *alma* que lhe dá vida. É esta ausência de *alma* que a torna tantas vezes instrumento da deseducação — o que magoa ainda mais.

Revive-se constantemente a hipocrisia farisaica que levou Cristo a afirmar que «o *Sábado* é para o homem e não o homem para o *sábado*». (Em vez de *sábado*, leiamos *decretos e leis* que quotidianamente se fabricam para obrigar o homem: só raramente para o servir).

Dois casos:

Um pequeno que nós e a Escola que frequenta, sabemos que nada aproveitará da repetição do 6.º ano porque mesmo o *ensino especial* que ali se pratica não é o adequado para ele, como não tem 15 anos, não pode inscrever-se em curso profissionalizante; e até os atingir tem de matricular-se em vista do 9.º ano. Eis a sentença! E quem não a cumprir fica na ilegalidade.

O outro caso: Um jovem que frequenta um curso profissionalizante que em dois anos lhe dará o 9.º ano (que ele já poderia ter há tempos!) e obriga para cada disciplina a um número de horas a respeitar por professores e alunos, cometeu, só!, 88 faltas injustificadas; e passou!! porque essa é a determinação vinda da autoridade cimeira. (Me perdoem o parêntesis, mas já agora registo a falta cá do lembrado Fernando Pessa: «E esta, hein?!»)

Para além de toda a inverdade deste proceder, há um contributo de deseducação de que é vítima primeira o próprio que o ocasiona, do que ele se não dará conta no momento. Mas resulta também o perigo social de um cidadão com capacidades, mas destreinado de as pôr em acto. E tantos que não são preparados para constituírem gerações válidas que farão falta a seu tempo!

Geminados com a Escola como sempre nos considerámos e queremos ser, não podemos calar a tristeza que esta assintonia de esforços nos provoca.

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FOI há doze anos! Desenhava-se, nessa altura, uma aguerrida perseguição às Casas do Gaiato, aos métodos pedagógicos e às pessoas que as orientavam. Todos temos, desse tempo, uma sofrida memória.

De toda a amargura, falámos ao Senhor que governa o mundo com Justiça! Ele nos consolou e deu forças para continuarmos certos e firmes.

Os tribunais vieram dizer-nos que nada se provou e tudo foi arquivado. Mas, a estas sentenças, nenhum órgão da comunicação social deu voz!... Não lhes convinha!...

Os mais prejudicados foram os rapazes! Um deles carrega ainda uma pesada vida!

Encontrei-o, há largos meses, quase a morrer e de esperança apagada.

A história é longa mas eu reduzo-a ao essencial. Com dificuldades intelectivas, frequentava o 6º ano, na Telescola.

Havia um professor que nunca o devia ser por não possuir o mínimo de liderança e, embora sabedor das matérias que ensinava, não se atrevia nem a manter a disciplina dentro da sala de aula nem a captar a atenção dos alunos.

O nosso rapaz começou a insurgir-se, a perturbar as aulas, a faltar, obrigar-nos a ir à escola quase diariamente e aborreceu o ensino.

Apareceu então um salvador (?)!... Um senhor que tinha ovelhas e a quem convinha, um pastor inocente. Dava-lhe dinheiro para o tabaco, comida e deixava-o em liberdade (?), que com 15 anos, o encantava mais que a preparação do seu futuro.

O moço abandonou a escola e a Casa do Gaiato, enchendo-nos de dor e de impotência.

Vim encontrá-lo agora, a viver numa espelunca de campo, reduzida ao mínimo. Sem água, sem luz e contígua a currais antigos de gado vivo que é a sua companhia.

Com uma carga enorme de pé de atleta e verrugas por cima dos calos com mais de 2cm de altura, deixou de poder caminhar e auferir o seu sustento. Tinha a boca em mísero estado, os dentes molares apodrecidos, infectando-lhe todo o alimento e transmitindo-lhe uma cor amarelecida denunciante do mau estado que o vitimava.

Uma obra da igreja, levava-lhe comida nos dias úteis da semana!

Foi um gaiato que me falou do caso e me pediu protecção.

Levei-o a uma médica, também dentista, que o tratou dos pés e da boca.

Com várias consultas semanais, até readquirir o andar e compor a dentição...

Quem o vê agora e quem o viu há 4 meses?! Não parece o mesmo. Rejuvenesceu!...

Mas eu quero comprar-lhe uma casinha! Reparar os pecados do mundo e dar-lhe condições de dignidade.

Há muito que ele deixou o ovelheiro que agora, detesta, tendo clara consciência que foi ele, quem lhe deu cabo da vida!

Já trabalhou nas obras que agora são raras, e no campo, onde não auferia quaisquer direitos sociais, mas apenas se mantém vivo.

Um terreno pequenino, onde pudesse criar algumas galinhas e patos que são o seu encanto e lhe favorecem o equilíbrio e uma casinha com água, luz e algum decoro.

Tenho isso em projecto e vou consegui-lo porque Deus também o quer. Tenho a certeza!...

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato

Trv.ª Padre Américo

3000-313 Coimbra. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Eu tenho muito medo de tudo quanto brada ao Céu, mesmo que não brade nos parlamentos. O nosso Deus é vivo! (...) Que os homens do Poder oiçam... □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

Pai Américo foi assim. Apaixonou-se por Jesus Cristo. Por isso, deixou tudo para seguir o Mestre. Os pobres, os abandonados, foram o seu caminho para entrar também no coração dos ricos e ajudar os que quiseram receber a mensagem da salvação. Creio que um dos efeitos mais surpreendentes da sua palavra e acção foi e continua a ser a mudança das consciências para a dimensão social da justiça e do amor.

A propósito, tive que interromper esta reflexão, porque alguém bateu à porta. Quem era? Um homem pobre que, ao chegar a casa, viu sua mulher em grande sofrimento. Estava grávida e necessitava duma ajuda urgente para a levar ao hospital. Não tive mais que fazer senão dar-lhe o que pediu. Quanta paciência nos pede o amor! A resposta já chegou: «Leio sempre com grande gosto o jornal de que sou assinante há muitos anos e estou a par das notícias e carências que aí existem. Por isso aproveito para enviar hoje um donativo para as necessidades mais urgentes. Nesta ocasião não me é possível enviar mais, mas enviarei sempre que puder. Peço anonimato...» Queremos viver sempre na esperança, ao lado do povo que sempre nos procura. □